

CURSO DE ECONOMIA PURA

PRIMEIRA PRELECCÃO

**Introduccão — O caracter scientifico da
Economia — A Economia pura — O valor da
Economia pura — Estatica e dynamica eco-
nomicas — Equilibrio geral e equilibrios par-
ciaes — Noticia historica.**

Eu me proponho vos dar aqui um curso resumido de economia pura. E' o primeiro, sobre essa parte tão util da economia politica, a se realizar no Recife. Não vos venho trazer entretanto nada de original ou de novo. Fiz com attenção algumas leituras, assisti não ha muito um curso especializado d'essa materia; eu posso assim vos apresentar um resumo do que li e ouvi. Este é pessoal: me pertence. E não só quanto á fórma, tambem no modo pelo qual, sem descrever da utilidade da economia pura, lhe faço, n'alguns pontos, a critica. Esta sciencia, certo, não põe fim ás investigações theoricas: a theoria deve continuar a se desenvolver. Sómente, para desenvolver a theoria, convem não adoptar subservientemente o processo empregado

pela economia pura, isto é, a deducção. Ao contrario, é penetrando cada vez mais na realidade concreta, que se deve fazer agora a theoria. Tudo o que a economia pura nos podia dar, parece que ella já deu. Mas ella é bastante rica de ensinamentos preciosos que convem aproveitar, mesmo que não sejam elles definitivos. Para tal fim é preciso primeiro conhecê-la: d'ahi a razão do presente curso. Quota modesta com que eu quero contribuir para a diffusão dos principios d'essa sciencia, entre nós.

Os autores collocam, em geral, a economia pura antes da economia applicada. Eu estou com os que pensam de modo contrario. A theoria, na ordem dos estudos, deve vir ao meu ver no ultimo lugar. Mais facilmente comprehenderá a economia pura quem já tem uma certa cultura economica, uma noção geral da economia pratica ou concreta.

Eu darei no final do curso a indicação dos autores onde me inspirei; acho inutil lhes mencionar os nomes cada vez que a elles recorro ou os deixo falar.

A economia politica será aqui estudada no ponto de vista estrictamente *scientifico* e objectivo. Como uma sciencia, que ella é é igual a todas as outras. O que caracteriza o estudo *scientifico* é o interesse que se tem pelas coisas sem outra intenção a não ser a de conhecer, de se instruir. N'este sentido, uma comparação já tem sido feita entre a sciencia e a arte. Quando as coisas nos interessam pelo seu aspecto artistico, nós não attendemos a considerações praticas ou moraes: a arte é em si mesma um fim. A mesma coisa se dá com a scien-

cia. O sabio não toma interesse por uma obra pelo dinheiro ou porque ella parece corresponder a um ideal moral ou religioso, mas sim porque elle quer conhecer os factos pelo prazer mesmo de os conhecer. Elle não é, por isso, superior ao moralista, ao theologo ou ao homem pratico: não se póde dizer que é melhor fazer sciencia do que moralizar. Tão pouco o estudo desinteressado dos factos seria algo de "preferivel" á actividade do que amontôa grandes riquezas. Como quer que seja, os homens só pouco a pouco têm sido arrastados por essa tendencia scientifica: e, do mesmo modo que o estudo das questões sociaes só muito tarde veio a tomar uma certa importancia nas preoccupações intellectuaes do homem, assim o desejo de se entregar a esse estudo de um modo desinteressado, objectivo, *scientifico*, é de data assaz recente. Elle não está ainda bem espalhado. Sob esse ponto, a economia pura tem um interesse particular: é n'esse dominio que os sabios começaram a estudar com um espirito scientifico as questões referentes á organização da sociedade.

Ao lado d'essa tendencia desinteressada, uma outra coisa caracteriza as doutrinas scientificas: ellas têm por objecto classificar logicamente os factos conhecidos, ordenal-os de uma maneira racional. Procura-se, especialmente, ver se não sobresaem de seu conjuncto certos traços geraes, que ficam (ou parecem ficar) constantes no meio de outros phenomenos mais variaveis. E' o enunciado d'essas manifestações constantes, e persistindo emquanto variam outros factores, que constitue as *leis scientificas*. Essas leis scientificas não são alguma coisa de superior ao homem ou á natureza, ellas são simples certificações, mas a illusão contraria pre-

valeceu porque esses factos apresentam uma notavel regularidade.

A economia pura é uma pequena parte da sciencia economica ou economia politica, a qual por sua vez é um ramo da sociologia. A sociologia estuda os phenomenos que nascem do facto que o homem, em vez de viver isolado como muitas especies de animaes, vive em contacto constante com seus semelhantes, formando com elles aggregados chamados sociedades.

E' impossivel estudar todas as relações dos homens entre si sem fazer certas distincções no objecto de nossos estudos, distincções que se impõem quase de si mesmas na maior parte das sciencias. As sciencias physico-chimicas se occupam dos phenomenos naturaes, que são variaveis e multiplos. O estudo d'elles tem sido pois feito com attenção mais especialmente a um de seus aspectos, depois a um outro, etc. Não existem na natureza phenomenos puramente electricos, puramente thermo-dinamicos, puramente balisticos, puramente opticos, mas elles podem ser estudados sob seu aspecto puramente electrico, thermo-dinamico, balistico, optico. Dá-se o mesmo em sociologia. N'esse dominio, como no das sciencias physico-chimicas, é forçoso se ter que proceder a divisões. A economia politica estuda pois a actividade economica do homem, isto é, a que diz respeito a seus interesses, mas esta definição é bem defeituosa; é preferivel verificar *a posteriori* que essa divisão corresponde aos factos reaes. Aquelle que estudou a economia politica comprehende por si mesmo o que é um facto economico. Como eu supponho me dirigir a um

auditorio que conhece já a economia politica em geral, é desnecessario insistir sobre essa questão, que não é de nenhum interesse para o progresso da sciencia.

A economia politica é o primeiro ramo da sociologia que se constituiu em um corpo de doutrina theorica consistente, graças á obra dos economistas classicos. A razão d'este facto é a seguinte: um erro extremamente espalhado consiste em crer que os homens agem exclusivamente sob o imperio da logica, da razão e da experiencia, e d'este principio se tem partido para estudar os factos sociaes. Ora, não é assim, em geral, salvo precisamente no dominio dos factos economicos. Mas a economia politica dos classicos não era uma sciencia, e até o presente ella não é ainda quase que estudada com espirito scientifico. Isso provêm de que os interesses praticos dos homens são divergentes: é pois difficil ficar desinteressado quando se estuda essa sciencia.

Em todas as sciencias se tende para uma systematização cada vez maior, e se procura levar a abstracção cada vez mais longe, de modo a poder recompôr o phenomeno concreto em nossas theorias com menos elementos primordiaes possivel. Nas sciencias physico-chimicas, essa tendencia psychologica do sabio deu origem á physica mathematica e á mechanica racional; em sciencia economica, á economia pura. Entre esses dois ramos de nossos conhecimentos, existe pois somente uma differença quantitativa, não qualitativa, a saber o gráu de approximação entre a theoria e a realidade. Por outro lado, e n'isso ella differe do resto da economia politica, a economia pura não é susceptivel de nenhuma applicação pratica directa.

O valor da economia pura está em que as suas

diversas partes nos ensinam verdadeiramente alguma coisa sobre os factos; não são ahi productos da imaginação, mas uma abstracção da realidade. Ella deve ser então encarada sob dois aspectos differentes. Considerada como deducção logica (ou mathematica) de certos principios, a economia pura tem um valor absoluto, analogo n'isto á geometria, á mechanica racional, á physica mathematica. Considerada como aproximação dos factos concretos, ella constitue uma etapa indispensavel para o progresso da theoria economica. A economia pura tem alem d'isso um valor methodologico inestimavel. Ella trata os phenomenos economicos com objectividade e por meio da abstracção, como se se tratasse de problemas mechanicos, chimicos, biologicos. Sob este ponto, a fórmula de seus ensinamentos excede quase o fundo: as theorias da economia pura devem ser sempre corrigidas pelos factos, mas o espirito que presidiu á sua elaboração é susceptivel de uma applicação universal nas sciencias sociaes. Pois elle é o espirito scientifico, não outra coisa.

A economia pura tem em vista apresentar um schema extremamente simplificado dos phenomenos economicos os mais geraes. Este schema é o seguinte: os homens são considerados, cada um por si, como unidades livres e independentes. Elles procuram alcançar o *maximum* de satisfacção de suas necessidades. Para isso, elles trocam entre si productos no mercado. Cada um é livre de produzir e de consumir o que lhe apraz e dispõe de seus capitaes e de seu trabalho do modo por que lhe convem. Em geral, não toma em consideração tão pouco um phe-

nomeno concreto bem importante; a existencia do Estado, que percebe impostos e intervem de muitas maneiras na vida economica das nações.

A realidade differe tambem do schema theorico por uma caracteristica extremamente valiosa : a realidade é dinamica, enquanto o schema é estatico. Nós tomamos como dados fixos e invariaveis um certo numero de factores que, de facto, não são nunca fixos. A theoria estatica suppõe que os gastos da população ficam os mesmos, assim como os rendimentos dos particulares; que nem a circulação monetaria, nem o numero total dos habitantes, nem a composição da população, nada d'isso varia. Por hypothese, a technica da produção não muda, e a somma dos capitaes igualmente. O systema estatico está sem duvida continuamente em movimento, mas este movimento é sempre o mesmo, como o de um rio cuja configuração geral não muda, enquanto as particulas d'agua mudam sem cessar. Na realidade, a cifra da população, os gastos dos homens, a quantidade total de capital e de productos variam incessantemente e vão se desenvolvendo ao correr dos tempos em um sentido ou em outro. Esses factos não serão considerados. O problema que nós nos limitamos a resolver é o seguinte: dada a existencia de uma certa população dotada de certos gostos, possuindo um certo capital e uma força de trabalho determinada, quaes serão os phenomenos economicos observados?

Ignora-se, até o presente, quase tudo da dinamica economica. Parece aliás provavel que ella depende em grande parte de factores sociaes, e é a razão pela qual a economia pura não se occuparia d'ella. Todavia, sendo certo que não ha ainda verdadeiros estudos de dinamica, se conseguiu em to-

do caso elaborar uma importante approximação. Eis aqui em que ella consiste. Como se não podem estudar, actualmente, as relações que existem entre os phenomenos economicos, em condições *perpetuamente variaveis*, ellas são ao menos estudadas em uma serie de posições successivas; isto é, não somente na *posição inicial*, mas em outras, abrangendo um espaço de tempo dado, e nas quaes as *condições são differentes*. Em outros termos, nós não podemos ainda conhecer as relações existentes entre os phenomenos economicos, em todas as suas condições perpetuamente variaveis. Chamemos estas ultimas: *a, b, c, d, e, f, g...*, etc., e, supponhamos a serie continua. Nós estudaremos as condições, nos momentos *a, d, g*, por exemplo; isto é segundo uma serie *descontinua*, por ser assim mais facil.

Nós nos contentaremos, por ora, de saber o que occorre, quando se passa de *a* a *d*, de *d* a *g*, etc., até que se possa conhecer a cadeia ininterrupta das variações. Pareto, ao qual se deve essa approximação da *dynamica economica* propriamente dita, lhe dá o nome de *dynamica de equilibrios successivos*.

No nosso estudo, convem fazer uma outra distincção: nós teremos que considerar ou o *conjuncto* do mundo economico assim simplificado, ou uma parte d'elle somente. No primeiro caso, nós tratamos do "equilibrio economico geral", quer dizer que nós estudamos as acções e reacções mutuas de *todos* os factores sobre o mercado. No segundo caso, nós consideramos, ao contrario, uma parte somente dos factores que influem sobre o estado do mercado. Como, segundo a nossa hypothese, nós temos um mercado unico, não seria certo tratar de equilibrios parciaes somente, mas isso é necessario para a clara comprehensão do conjuncto. Essa opposi-

ção entre equilíbrios parciais e equilíbrio geral corresponde a uma divergência histórica que reina ainda sem razão entre os partidários da economia pura.

Uma obra de theoria não tem que se occupar de historia, um compendio de geometria não contém uma historia da geometria, tão pouco um manual de physica uma historia da physica. O mesmo deverá ser em economia pura, e é por isso que nos cingiremos ás notas mais essenciaes, aqui expostas ligeiramente.

Já no seio da escola classica, Nassau Senior tinha apresentado a theoria então conhecida sob a fôrma de um pequeno numero de maximas. Mas a economia pura não nasce senão com a descoberta do principio da utilidade decrescente.

Esse principio, foi formulado pela primeira vez por Gossen (1855), n'uma obra que, completamente esquecida, não teve nenhuma influencia; mais tarde elle foi enunciado de novo por tres economistas que aliás se ignoravam reciprocamente. O de maior genio, entre elles, o francez Walras, inspirando-se nos trabalhos mathematicos economicos de Cournot, formúla as equações do equilibrio economico geral, empregando a linguagem mathematica indispensavel n'esta materia. Elle era, porem, um "reformador social", não um espirito scientifico. Seu successor, V. Pareto, melhor mathematico e espirito exclusivamente scientifico, soube tirar um admiravel partido de sua obra. Elle acabou de construir a theoria mathematica do equilibrio economico e lhe deu a sua fôrma definitiva. Seus principaes adherentes se acham na Italia; essa escola

92

tem o mal de persistir no emprego das mathematicas.

O austriaco Menger é o fundador da escola chamada "psychologica"; esta se serve somente da linguagem ordinaria. Essa escola não considera pouco mais ou menos senão equilíbrios parciaes. O professor von Wieser occupa, a respeito de Menger, o lugar de Pareto quanto a Walras, sendo que Menger era já um espirito rigorosamente scientifico.

O inglez Jevons que, com Menger e Walras, descobriu tambem o principio da utilidade final, está n'uma posição intermediaria; elle se occupa de equilíbrios parciaes, mas com o auxilio das mathematicas. N'isso, elle se approxima de Marshall. Convem citar aqui o nome de Edgeworth, cujos trabalhos inspiraram Pareto. Irving Fisher, apoiando-se na obra de Jevons, formulou por sua vez e independentemente de Walras as equações do equilibrio economico geral, no caso da troca. Sua obra ultrapassa o dominio da economia pura.

Odilon Nestor.

